



CONTO ANGÚSTIA
MATERIAL COMPLEMENTAR DA ANÁLISE DOS CONTOS DE TCHEKHOV

ANGÚSTIA

ANTON TCHEKHOV

A quem revelarei a minha aflição?

Crepúsculo vespertino. Os flocos de neve úmida giram preguiçosamente em torno dos lampiões recém-acesos. Repousam sobre telhados, dorsos de cavalos, ombros e chapéus, formando uma camada fina e macia. O cocheiro Iona Potápov está todo branco, como um fantasma. Sentado na boleia, curvou-se tanto quanto pode um corpo vivo, e nem pisca. Parece que, se caísse sobre ele um monte inteiro de neve, nem assim, ele acharia necessário sacudir-se para se livrar dela... A eguinha também está branca e imóvel. Em sua imobilidade, nas formas angulosas e na retidão de estacadas pernas, está muito parecida, até bem de perto, com aqueles biscoitos em forma de cavalinho que custam um copeque. É bem provável que esteja mergulhada em pensamentos. Quem é arrancado do arado, das paisagens cinzentas familiares, e jogado aqui neste redemoinho, cheio de luzes assustadoras, de uma barulheira sem fim e de pessoas, às carreiras, não pode evitar pensar nisso...

Há muito tempo Iona e a eguinha não se mexem... Saíram de casa ainda antes do almoço e nada, nadinha de movimento.



Mas eis que a bruma da noite desce sobre a cidade. A palidez da luz dos lampiões cede lugar a um colorido vivo e a confusão das ruas aumenta mais e mais.

– Cocheiro, para a Víborgskaia! – ouve Iona. – Cocheiro!

Iona estremece e, por entre os cílios grudados pela neve, vê um militar de capote e capuz.

– Para a Víborgskaia! – repete o militar. – Está dormindo ou o quê? Para a Víborgskaia! Em sinal de concordância, Iona puxa as rédeas e então placas de neve se desprendem dos seus ombros e do dorso da eguinha... O militar senta-se no trenó. O cocheiro estala os lábios, estende o pescoço à moda dos cisnes, ergue-se e, mais por hábito do que por necessidade, agita o chicote. A eguinha também estende o pescoço, dobra as pernas que lembram estacas e arranca sem convicção...

– Aonde veio se meter, animal! – ouve Iona logo em seguida. O xingamento saiu da massa escura que se desloca para frente e para trás. – Vai pra onde manda o diabo? Fique à direita!

– Não sabe guiar! Fique à direita! – irrita-se o militar.

O cocheiro de outra carruagem xinga, um transeunte lança um olhar raivoso e sacode a neve da manga depois de ter atravessado a rua e batido o ombro no focinho da eguinha. Na boleia, Iona se contorce, como se espetado por alfinetes, afasta bem os cotovelos e corre os olhos por todos os lados, como um desvairado, como se não compreendesse onde e por que está ali.



– Não entendo pra que mentir! – ofende-se o outro comprido. – Mente como um porco.

– Deus me castigue, é verdade...

– É tão verdade quanto a tosse do piolho.

– Hi-hi! –o cocheiro dá um risinho. – Que senhores animados!

– Que vá para o diabo! – revolta-se o corcunda. – Vai andar ou não vai, sua peste velha!

Isso lá é jeito de guiar? Desça o chicote! Diabos! Bata no cavalo!

Iona sente às suas costas o remexer do corpo do corcunda e o vibrar da sua voz. Ouve as pragas que lhe são dirigidas, vê pessoas, e o sentimento de solidão aos pouquinhos vai deixando o seu peito. O corcunda xinga até usar todo tipo de palavrão, até ser tomado pela tosse. Os compridos começam a falar de uma Nadejda Petrovna. Iona olha para eles. Espera uma pausa curta, olha de novo e murmura:

– E nesta semana... o meu filho... morreu!

– Morreremos todos – suspira o corcunda, enxugando os lábios depois da tosse. –

Vamos lá, toca em frente! Senhores, decididamente, não posso mais seguir assim!

Quando é que chegaremos?

– Então dá uma animada nele... no pescoço!

– Sua peste velha, está ouvindo? Vai levar uma, no pescoço! Se for tratar com jeito, melhor ir a pé! Está ouvindo, monstrengo? Ou não dá a mínima pra gente?

E Iona mais ouve o som do que sente o pescoço.



jovem queria beber, ele quer falar. Daqui a pouco faz uma semana que o filho morreu, e ele ainda não falou disso direito com ninguém... É preciso falar com seriedade, pausadamente... É preciso contar como o filho adoeceu, como sofreu, o que disse na hora da morte, como morreu... É preciso descrever o enterro, a ida ao hospital para pegar as roupas do falecido. Restou a filha Anissia, na aldeia... É preciso falar dela também... Quanta coisa ele não pode contar agora? Quem estiver ouvindo deve soltar ais, suspirar, prantear... Com mulheres, seria ainda melhor. São tolas, mas berram depois de duas palavras.

“Melhor ir ver o cavalo”, pensa Iona, “sempre há tempo para dormir... De certo, vou dormir bem”.

Ele coloca o casaco e vai para a estrebaria onde fica a eguinha. Pensa na aveia, no feno, no clima... Pensar no filho, quando está sozinho, ele não consegue... Falar dele com alguém é possível, mas pensar nele, sozinho, desenhar na mente a sua imagem, é horrível demais...

– Está comendo? – pergunta Iona à eguinha, fitando os seus olhos brilhantes. – Come, come... Se não deu para a aveia, comemos feno... Isso... Já estou velho pra guiar... O filho é que devia guiar, não eu... Ele é que era cocheiro de verdade... Só precisava viver...

Iona fica calado algum tempo, depois continua:

– Pois é, irmãzinha... Não existe mais Kuzma Ionitch... Foi-se para a vida eterna... Pegou



e morreu, do nada... Imagine só um potrinho, e você, a mãe desse potrinho... E, de repente, digamos assim, esse mesmo potrinho vai para a vida eterna... É triste, não é? A eguinha rumina, ouve e resfolega nas mãos do seu dono... Iona toma ânimo e conta-lhe tudo...

(1886)



TRADUÇÃO: DENISE SALES
REVISÃO: ÍTALO ZEN GONÇALVES E RODRIGO ALAN KOCH

